3 Dos Vôos – ousar voar, libertar-se ou soltar-se no ar (por Vladimir Corvo)

(da preparação do salto)

3.1. Manifesto do All-Piste (por Eulailyos e Vladimir Corvo)

Eulailyos anuncia. Com ele ninguém discute:

– El Corvo is coming!

Traz consigo as penas que o protegem do Rio
Brings self-confidence and generosity
Tragas con el[e] las piernas para adelante caminar
Não importa para onde vai
The important thing is to run-fly and go
Tienes el corazon en los pies
Nada há que temer
Siegue adelante con intensidad tranquilla
Todo que quieres es andar y encontrar

Quando El Corvo speaks, não há espantinho qui makes him calarse.
Habla con todos.
Todos lhe dan asas para fly.

Todos seus espectros estan inside el cuerpo of the crow

– El Cuervo –

No hay citação! Everyone chega a ele/eu por Eulailyos.
Andam e falam através/by El Cuervo.
Sutentam-no en los aires!
You are welcome a el mundo de experiencias
– Brought to you by El Corvo!

– El Corvo is coming!

El vai fly
 Sostenido/bemol by seus espectros
 Con los paralelos worlds
 Sim, mundos qui hablan by/através d'him
 Traz/trara consigo el amor/love y la muerte
 Better: la muerte y la bujula!

(Vladimir Corvo voa-anda num átimo)

3.2. Cen'Átimos

Sou mensageiro. Corpo-Cavalo. Mero receptor. Antena.

Agora que não sou eu e que sou eus. Sou muitos. Falo através de Exu.

Sou Eululyos voando nas asas do Corvo. Corvo sustentado por espectros. Sim, os espectros lhe ofertam as penas e asas. Debruçado sobre estes, vejo-os exibindo toda a sua força. De onde vêm? O negro pássaro absorve todo o Sol-Luz, que vem de lá do grito-berrado da selva afro-índia. Sim, Sol Leão que emite luz-branca para o negro Corvo que voa agraciado pelos fantasmas e iluminado por tanta Luz emitida.

Quero escrever Cenas, retiradas de sua temporalidade e lançadas ao infinito. Tendem ao infinito. Ocorrem em um átimo. O que é um átimo?

Algo que se desenrola em um espaço curto, curtíssimo de tempo. Espaço que não pode ser percebido, senão pela sensação dos gestos, pois quando é, já foi. Tempo ínfimo de ação no espaço. Espaço x Tempo. Um átimo nada quer dizer. Porque não conseguimos precisar sua duração. Onde começa ou onde termina. Assim é minha fala, não há início nem fim. Portanto, é infinita. Infinitos são o espaço e o tempo.

Enquanto houver transe, eu falo.

Transe-Transa.

Enquanto o batuque não cessar eu não me calo.

Canto resplandecente.

No futuro e no passado: dimensões do presente.

Olhe no espelho. Verá o que quer. Sabe por quê?

Tudo está dentro de você. A resposta é carregada pelo pranto sorridente do teu corpo.

Tudo é agora e ocorre agora.

Tudo é paralelo a tudo.

Para que pressa?

O transe é o irracional que é racional. Extensão do real.

No átimo ocorre a torção.

O fronteiroço se dissolve em transformação.

Não há espaço, nem tempo.

É a transformação plena.

– torção –

Corpo do cavalo afetado por eus. Eus que afetam em contínuo movimento. Deixe-se infestar por fantasmas. Deixe que eles falem na torção. Todos podem escrever cen'átimos: é só deixar a força interna entrar em erupção. É só deixar a larva que perambula virar borboleta e voar pelos ares do trópico, criando vento para arejar o Ocidente.

Ir-Romper os poros da epiderme.

A sedução pelo mistério.

Mistério advém do misticismo. Deixe-se levar pelo transe. Dance. Ouça a voz que não consegue personificar.

Somos individualmente coletivos. Somos canibais que devoram a carne alheia. Somos plagiadores seduzidos pelas vozes fantasmagóricas. Gostamos daquilo que é mais desafiador porque não podemos sê-lo... selo na carta sem envio, endereçada ao nosso herói que jamais a receberá. Coragem jamais teremos para pô-la no correio.

Não procure assinatura nem nome. É um esforço desnecessário.

Eu-Sol-Eus que somos vocês todos nesse espaço-tempo, sem espaço-tempo. Nesse lugar que se verga na torção revolucionária das cenas em um átimo.

Estou cansado. Cante pr'eu subir. O corpo se põe a chorar e a rir e a chorar.

Olhe no espelho, verá a mim e a todos os demais. Verá o que palpita no âmago de suas entranhas.

Leão-sol-amarelo sou. Emissor de luz branca – sol. Negro pássaro sou. Absorvo a luz emitida pelo devorador felino. Trago comigo a torção impetuosa das revoluções.

Vôo subir. Abre a roda. Cante e batuque.

(dos desaparecimentos ou a não-importância de uma subjetividade)

3.3.Hoje Amanheceu Escuro

Hoje amanheceu com cheiro de praia. De sol. De manhã. De mudança. Reviravolta, boa ou não. Cheiro de que alguma coisa grande estava para acontecer e não sei definir o que é. Ontem não dormi, o sono simplesmente não veio. Hoje tampouco acordo. Sonho com preto, nada me recordo. Umedeço meus lábios ressecados. A noite foi longa, ainda não acordei? É noite de novo. Sonolência. Definitivamente já acordei. Vou ligar pra ela. Não sei onde coloquei o telefone. Se não acordei nem sonhei, como amanheceu, está escuro novamente. Não sei o que se passa.

Estou desperto. De pé. Lá fora, a vista de minha imensa janela, só vejo casas. Nenhuma está com luz e todas estão com as cortinas fechadas. Não há luz. Caminho vagorosamente, com preguiça, até o abajur. Tento em vão acendê-lo. Alguma luz, porém, vem de algum lugar, de outro modo, lá fora não conseguiria enxergar, tampouco aqui dentro.

Agora me recordo... não, nada vem a minha cabecinha. Quando uso o diminutivo, realmente quero dizê-lo, minha cabeça que agora seguro com uma das minhas mãos é pequenininha. Será que encolheu? Cabe, toda ela, inclusive meus revoltos cabelos na palma de minha mãozinha, que parece menor. Só parece? Ainda não recordo. Luz não há, mas há alguma luz, em algum lugar, pois posso enxergar alguma coisa. Se ao menos eu soubesse donde vem.

Sim, claro, como pude ser tão estúpido. Ela vem de algum lugar da rua. Mas, não há rua lá fora, tudo que há são casas apagadas.

Ando pelo parque, está tudo escuro, estrelas não há no céu apagado. A luz vem de algum lugar, uma vez que posso ver com clareza a copa das árvores sem folhas. A grama parece reluzente. Só, cantando lá no alto de uma das árvores, vejo o que acredito ser alguém. Quero ligar pra ela, queria contar o que está acontecendo. O que, todavia, está acontecendo? Ainda vejo o que creio ser um solitário lá no alto... ouço o que pode ser uma cantiga. Debruço-me por sobre os depenados galhos... definitivamente é um homem só. Ele, assim como eu, também vai ficando pequeno... Não, ele é e sempre foi pequeno.

– Seu moço, o que está fazendo aqui à uma hora dessas e nesse escuro? – pergunto sem obter resposta. Será que ele não ouve? Talvez minha voz também esteja baixa, já que estou tão pequeno que acredito que caberia numa caixa de fósforo. Busco fôlego para arriscar um grito, ou melhor, um urro.

– Ei, você, o que o traz aqui?

Subitamente o canto cessa, o homenzinho olha para baixo e exclama:

– Esperei-o por tanto tempo. Afinal de contas veio. Acreditei que descobriria este parque antes. Sobe, pode subir e não tenha medo.

– Quem é você? – indaguei ao petulante homem.

– Não seja bobo, você sabe muito bem quem sou eu. Olhe... – disse pausadamente apontando para a vista descampada que se abria lá no fundo. Olhei e vi bem de perto o horizonte. Assustei-me com o que vi. Era eu, tal qual me conhecia, grande e robusto com os olhos brilhantes e cheios de esperança. Eu estava dormindo, porém meus olhos estavam abertos.

– O que é isso, por que estou me vendo?

– ...

– Olhe, não sei quem você é e não estou gostando nada disso – o atrevimento do desconhecido começava a me irritar. Ele permaneceu mudo, assobiava uma canção que me soava familiar. Tentei de novo:

– Qual o seu nome, posso saber?

– O mesmo que o seu.

– Como assim?

– Não seja estúpido! Eu não posso ser tão ingênuo assim.

– Você está me chamando de ingênuo?

– Não, chamo a nós dois de ingênuos, somos a mesma pessoa, presos dentro de um tal corpo que já conheceu e viveu dias melhores.

– Tudo bem, conta outra.

– Como você preferir...

Ouvindo o estranho homenzinho falar, comecei a perceber certas semelhanças físicas com ele. Aos poucos foi ficando mais evidente a semelhança. Sem dúvida era eu, como poderia? Ele era igualzinho a mim. Surpreso perguntei:

– E agora, o que acontece? Estamos mortos ou dormindo?

– Por que algo tem que acontecer? Por que precisamos estar mortos ou sonhando?

– Se você sou eu e eu sou você e aquele que se deita sobre o horizonte é o nosso corpo, o que vamos fazer?

– Não há nada mais para ser feito – e o homenzinho continuou encolhendo e assobiando a tal cantiga. Ele não mais falava e se falava eu não ouvia.

Hoje amanheceu com cheiro de orvalho. Cheiro de calor. Cheiro de reviravolta. De praia. Escuro ainda estava, mas havia amanhecido. Eu estava vendo, sim, eu podia enxergar algo, portanto deveria ter luz em algum lugar. A noite passou em claro, embora estivesse escuro. Ainda não havia acordado, porque deitado eu estava. Escuridão sem vistas. Agora me recordo, no horizonte distante eu estava deitado dormindo com os olhos abertos. Minha cabecinha estava muito pequenininha, agora menor ainda, talvez do tamanho de um alfinete ou menor. Ela cabia entre os meus dedos. Algo grande iria acontecer, mas a esta altura, qualquer coisa que soprasse perto de mim seria sentida como algo monstruosamente gigantesco. Eu estava reduzido a um tamanho ínfimo. Lá fora estava tudo escuro, não havia rua, nem tampouco luz vinda das janelas dos vizinhos. Todavia, eu podia enxergar as cortinas fechadas. Luz ausente.

Recordo-me, alguma clarividência... tinha um tal cantador, que dizia ser eu, e pendurado nas árvores sem folhas estava ele, que era eu. O parque continuava igual, sem vida e sem luz. Agora, o homenzinho tão ridiculamente pequeno não me escutava, nem eu notava sua presença. Gritei berrado sem alcançar êxito. Tentei continuar andando. Não havia jeito, já que meus passos de tão pequenos não me moviam. Não saía do lugar. Estava reduzido a um sem-tamanho. Nem sei o que seria, mas deixei de existir, embora existisse. O que existia, entretanto? Só a vontade de relatar alguma coisa. Mas, o que? Quero relatar, vou relatar ou já

relatei isso? De onde vem esse raciocínio, uma vez que não percebo meu corpo? É um sopro de vento ou o nadar das águas? Sou tão minúsculo que não tenho matéria. Logo, não chego nem a ser minúsculo. Desapareci? Sim, sou vibração de raciocínio talvez. Dessa forma, ainda posso manifestar-me no espaço.

Hoje amanheceu com cheiro de madeira. Cheiro de frio e calor ao mesmo tempo. Cheiro de algo grande por vir. O que virá? Cheiro de infância e de mudança. Maturidade. Escuro está, à noite não dormi e não acordei ainda. Está escuro, contudo posso ver ainda. Como posso ver algo? Flutua. Algo flutua, ou seria eu mesmo? Não posso saber... está tudo escuro, preto. A luz que um dia vi, sumiu. Já nada vejo. Amanheceu? É noite? Desapareci, não me percebo enquanto nada, todavia, continuo pensando, ou melhor, emitindo ondas de energia e raciocínio pelo espaço. Entretanto, quem emite? Sou eu o próprio raciocínio, sem subjetividade. Sou vocês todos pensando e pensando? Cadê o espaço? Está escuro.

(andarilho Corvo passa por Paris)

3.4.Das Correspondências Virtuais I

Soton, 4 de fevereiro de 2005
para Maria Totte Oliva e Niña Hernandez

Escrevo-lhes do Soton, miro o horizonte distante que me lança de volta lembranças de frio e do belo Sena... Como podem imaginar minha ida para Paris foi um sonho maravilhoso, sem encapsulamento da linguagem, portanto ainda sem possibilidade de compartilhamento de minha experiência, podem ter uma idéia, assim como eu esboço em minha deslumbrada mente. Cheguei as 5:30h da manhã e só poderia chegar na casa de minha amiga Sal Levy ao meio dia, comprei uma passagem de metrô para o dia e lá fui rumo a Montmartre, estação de Pigalle. Alvorecer. Place des Abesses. Cidade acordando, ainda na ressaca da noite que teimava em se despedir. Choro soluçado. Ruas que lembram Santa Tereza, penso: "estou em casa". Sacre Coeur. Fascínio sem precedentes pela vista horizonte-Paris. Céu cinza já aparece claro-claridade que ofusca. À tarde. Parc-des-Princes,

normal. Breve lançar dos brilhantes olhos para a Torre Eiffel e a Notre Dame. Louvre - moins de 26 ans, de graça. Mona Lisa e muito mais. Iluminação noturna viagem de volta às h[e]stórias, fantasias reais. Silêncio imposto pela memória no quadrado central. Pessoas que teimam em romper o vazio sem som. Taça de vinho à noite em Montmartre... Dia seguinte. Andanças. Louvre de dia. Tuileries. De longe, Arc de Triomphe-Champs Élysées. Place Vendôme e Opéra. Galeria LaFayette. Pão com camembert e presunto cru. Noite que caiu levou-me a Saint-Lazare. Casa de antigos empregados, muros que caíram, casa ampliada, lá no alto. Todos trabalham com cinema ou arte. Raclette e elegância-intelectual. Francês-língua que impõe uma barreira. Estou em casa, mas não consigo falar. Sim, é como um sonho em que não escolho para onde vou nem o que digo. Sonho? Sou levado pela correnteza, não posso me comunicar. Ouço. Na tal casa, de um lado Sacre Coeur, do outro, do banheiro, olhar fixo na Torre Eiffel iluminada. Cidade Luz!... Jardim de Luxemburgo, já visto no dia anterior. Personagens sartreanos conversaram comigo, pena que a essa altura já havia descoberto a impossibilidade de falar com os i-mortais parisienses. Sena, levando-me até Belleville. Como um bairro de profetas, multi-lingüístico. Amontoados de lojas, tudo. Marais no cair da tarde-chic. Tudo glamouroso-Place des Voges. Nem um esboço de olhar, nem de relance, nada. Todos de nariz em pé, e eu sem falar, sem me comunicar. Ninguém me percebia. Estava invisível? Noite. George Pompidou e St. German des Près. Raiva de Sartre e Beauvoir. Café de Flore. Uma mísera taça de vinho: 6,00 euros... É dia novamente, enfim viria a Notre Dame, Concorde, Arcos e Torre Eiffel. Tudo visto. Choro crescente, por vezes sufocado – “não há necessidade pra tanto”. Sena soluçado, lágrima que caiu solitária contribuindo para aumentar o nível d'água. Cidade luz e arruinada. Memória de uma época resplandecente. Todavia, o charme ainda presente no sem-titubear dos franceses flâneurs. Sublimação, corpo em desintegração: Torre Eiffel. Vinho comprado e abertura no anúncio da iluminação por vir. Brilho – estrelas piscavam contornando a obra fantástica da arquitetura. Pequenez de garoto ao passar por entre as pernas da larga Torre. Sento-me num principio de falta de ar. Falta ar. Tento buscar bem fundo. Nada, o olhar a fitar o chão. Fixo. Subitamente, um mirar para cima e... morte-renascida, estupefato-boquiaberto convulsão e pranto. Choro, choro corpo desintegrado derretido pelo imenso calor emanado do alto da Torre, vista em vertical - eu ligeiramente escapulido de seu berço; portanto, conseguia ver o topo

que tocava o céu. Girava a Terra... Não sei como voltei a mim, aliás nem me lembro como saí de lá e aqui cheguei. Vivi-morri-vivi. Transe de menino. E isso é tudo que consigo comunicar por hora.

Soton, 5 de fevereiro de 2005

para os pássaros-corpos dos mares dos Sul

Meu corpo acaba de regressar de Paris. Sou cavalo. Paris, cidade-luz. Monumentalmente arruinada. História que traz ruínas. Arruinante. Magia que traz mistério e brota em cada suado poro. Suor de cansaço. Como um maratonista que chega esbaforido na linha de chegada. Espaço x Tempo. Por vezes, nem restauração dá jeito nas marcas impressas pelo tempo. Império civilizatório que se esvai. Tempo triunfante. Outras tantas vezes, somos levados ao pranto de emoção sincera com a beleza imponente de algum monumento ou pelas águas macias do Sena, ou ainda pelo ar ou cheiro que faz ecoar o oculto. Sem motivo ou explicação deitei-me diante da exuberância da Torre Eiffel e lá permaneci por horas a fitar. As lágrimas não pararam um só instante de rolar, cheguei a criar um afluente do Sena, podem acreditar. Lembrei-me de todos que amo e gostaria que todos vocês estivessem lá comigo nesse histórico momento de experimentação corporal. Afeto. Tempo e Espaço. Instante e Corpo. Afetação mútua. Por onde andamos agora, nós que celebramos a vida e a amizade. Cada qual no seu canto, como raposas na toca. Solitários sem bando. Banda que esvaiu-se no paraíso - aquele lugar do Perú ou no meio das rochas que escondiam do mundo os nossos segredos. Casamentos e crianças vieram ao mundo. Formaturas passaram a fazer parte de nossa realidade. Trabalhos que afastam e pessoas que mudam. Já nada queremos uns com os outros. Nada, se não a lembrança, alegre ou triste, une nossas mentes numa conexão paralela ao mundo vivido no dia-a-dia. Tempo triunfa sobre o Espaço. Espaço agora vazio. Inexistente. Nem virtual ele pode existir. Tempo-força... Magia em algum canto do corpo de cada um. Mistério que me faz escrever. Escrevo em Cen'átimos. Cena-átimos. Falo através de Exu, mensageiro entre mundos. Sou Eulilyos sobre as asas de um tal Corvo. Estou em Transe. Nada passa pela minha mente. Que dissimula. Sou antena, parabólica ou não. É como o Reiki. Cura. Apenas ponho a mão e a energia passa por mim. Sou veículo. Não sei o que escrevo, não é meu. Não tem assinatura, portanto não

busquem uma. Corvo ganha asas através dos espectros que quer conjurar. Vocês estão escrevendo comigo. Sou vocês também, pois estão visceralmente entranhados na minha pele alva ou negra, que seja. Que venha. Espaço subjuga o tempo com a minha escrita. Sim, esta escrita que nos traz juntos de novo. Não precisamos estar juntos, nem queremos estar juntos, embora estejamos juntos nos dedos que, sem titubear, pressionam as geladas teclas do teclado inglês. Tempo-espaco-tempo-espaco-vida-morte-cerveja-Cabo Frio-casa dos Bentião-lanche na vó do G. Fellet-Flamengo, Botafogo e Fluminense-Artur (nova geração). Sinto-me mal. Choro. Choramos demais. Devo despedir-me agora. Cantarei para subir. Toque o atabaque. Celo pode fazer o baixo. Transe-transa-tremor de vibração de mundos. Realidades irreais é de onde anuncio a união sem união, a vida com morte e com vida novamente.

Re-nascer!

saudações de

Eululyos e Vladimir Corvo

(andarilho Corvo se lança em Barcelona)

3.5.Multicores de Barcelona

Horizonte

Confunde

azul-mar-céu.

A união é feita pela

Alvura das nuvens-neve.

Do alto do Parque Güell

Vejo, ouço e cheiro

Barcelona.

Todos seus cantos,

Os contornos.

Barcelona é

Vermelha

Verde

Branca
Azul
Verde – novamente –
Amarelo
Silenciosa.
Gritos bem longe.

Quero lançar-me
morro abaixo.
Ímpeto suicidado
Ou medo de
Ousar
Chama[r]-gritar?
– baixo –
Não há necessidade de
Altura,
Ou ninguém escutaria?

Tenho medo,
Sim,
Estou apavorado
De como me vejo daqui
Do alto do Parque Güell?
Atrevimento
Ousadia

Pré-Tensão
Tensão
De Vida...
Medo.
Sim, tenho muito medo.

Vou pular
Nas cores

– multi-colores –
de Barceloneta
Ciutat Vella.
Permaneço, todavia,
No alto do Parque Güell.
Sinto a brisa
Que traz maresia.

Quero o[s] Amor[es]
Existe Amor

Profundezas
Quero ir fundo
Pro-fundo
Profundo do mar
Profundo do morro
Que é mar
Com –ro
-ro
de Ro-Lar
Ladeira abaixo
Ru-mo, Re-mo ou Ro-mo...
MORO
Sim,
Rumo ao Morro
– Moradia, casa –
Ao Amor
Profundo
Mistério
Presente nas
Multi-Colores de Barcelona

3.6. Das Correspondências virtuais II

Barcelona, 24 de fevereiro de 2005

Saúdo-te Horizonte Distante!

Estou em Barcelona. A cidade é fantástica, em especial as obras do Gaudí. As calles bem velhas e estreitas do centro antigo ou do bairro gótico são misteriosas e sa[n]gradas. Manchadas melhor dizendo. O mar Mediterrâneo colore a cidade.

Yo estoy escuchando flamenco por todas las calles (ou carrier se te prefieres el catalan). Las veias estão abertas no Barri Ghotic ou na Ciutat Viella. Gaudí, mágico Gaudí, ya hay encantadome. La Sagrada Família es un Soco no meu cólo (seria do útero?). España, vibrante-pussante. Arrebenta o Coração da Catalunya! Retiro my corazon que jorra sangre - las bodas del sangre - e coloco na mesa de los sueños. ¿Es un sueño? Te espero en la ventana ai corazon mío en la noche hasta mañana... Rojo, blanco, anil, violeta y negro. Rosa, verde, azul... Verte qui te quero verte... Prossegue em meu ensangüentado e esparramado cérebro. Sim, estoy qui es todo rojo, sangre carcomendo mi pele, ahora envejecida. Enrugado, soy todo rugas, rugas e mucho mais rugas. Estoy a mourrir... Desintegrando-me na ciudad que me consome. As calles tan viellas quanto mágicas-ciganas-pombagira... a Padilha canta pra mim, sou seduzido pelas suas lindas mechas-madeichas blonds. Quero fugir da estreiteza VELHA das Ruas que, como labirintos, cerram las veredas para mi. Miro o céu, la Paloma sonrir e se despedi de mim. A VELHA estupidamente almodovariana cantarola em catalão e varre o lixo pras calles. Caem no meu corpo-sangue... Órgãos à mostra e à deriva no Mediterrâneo que colore a intensa Barcelona. Estoy EXAUSTO, EXAURIDO e TERRIVELMENTE CANSADO! Vou pular del Parque Güell assim me morro me viro esta ciudad. Sim, serei eu Barcelona con todas las Carrieres. Quero ser e receber los turistas e los moradores que perambulam pelas feridas de sangre gotejante e ou jorrados para o alto, pra bajo ou pros lados. Vou lançar-me morro abajo...

Me matar-me. Assassinar o eu e ser tragado pelas veias que se abrem no perfurante chão - meio flamenco - das calles. Pulsa o coração da Catalunya!

Rouba-me de mim mesmo e já não estoc, nem soc. Arrebata o entusiasmado brasileiro - ou seriam todos?

Tenho que despedir-me, exaurido que estou. Meus olhos se quedan cansados, mui tired. Las línguas se mezclan. Tenho sono.

Adios,
Soy Barcelona ahora,
vôos del Corvo

(das impossibilidades)

3.7. “A Des-Falecida”

Valeu pela "força" do mundo, da humanidade toda. "Força" que na verdade é *strength*, mas na ausência de cedilha vira força. Agora, recordo-me que não vem por acaso. Esta crônica é a crônica de uma morte anunciada. Isso mesmo: eu morrerei em breve. Mais precisamente no domingo pela manhã. Preparo a escada para descer do Soton, mas é impossível. O calor emanado pelo sol tropical, a exuberância verde das palmeiras e o infernal canto do sabiá matarão um certo corvo. Sim, o sabiá - definitivamente - com todas as suas cores magníficas e seu canto melódico, poderoso e sedutor acabará com a vida do Corvo. Tudo é lógico e a natureza é sábia – ou sabiá. É isso, a natureza é sabiá. Brasil é sabiá.

O que aconteceu foi ter descoberto que tinha asas, que alguns amigos meus me dariam a possibilidade do voar. Jamais na terra das aves que gorjeiam, alguém estendeu a mão ou a asa para que eu pudesse ousar voar. Os já falecidos, que passaram pelo exílio e agora são ancestrais vieram até mim e me metamorfosearam num lindo e negro Corvo. Meus amigos não querem se identificar, todavia, devo avisar ao leitor – em especial, meus correspondentes nos vôos que alcei por aqui – que nunca estive só. Não foi nenhuma espécie de milagre, nem fui um vidente. Tudo o que fiz foi deixar que esses meus amigos se chegassem até mim para conversarmos entre nós e com vocês. Logo percebi que estavam atrás de uma mensageiro, alguém que pudesse escrever com eles para que nossos sonhos prosseguissem. Sabe, os sonhos, tais quais a imaginação não tem dono. Explico: ninguém detém os direitos autorais dos sonhos, pois eles não são

de alguém, é um impressionante amálgama de emoções em liberdade que passeiam pelas mentes conectadas dos seres humanos.

Foi assim que aconteceu comigo. Foi assim que virei um Corvo. Ousei sonhar e alguns fantasmas, que já habitavam esse ambiente sonado, se abriram para me receber e eu fiz o mesmo. Lembro-me do primeiro jantar. O vinho era uma delícia e o salmão, feito no forno perfumava o ambiente. Estávamos todos – ou pelo menos quase todos – por lá. Não tardou para a proposta chegar e logo eu que, pelo menos a princípio, era o único ainda com vida material por lá, seria erguido por eles nos ares para contar o que havia sonhado. Noutras palavras, eles seriam minhas asas e penas e eu o mensageiro de nossos sonhos. Assim, aprendi a voar, chorei e sorri, sempre com uma liberdade jamais experimentada. Sem dúvida, meu caro leitor, foi uma experiência mágica, inesquecível e inabalável.

Tudo que é bom dura pouco e agora devo partir. Nada mais há para fazer aqui. O sol, ou melhor eu, estamos de saída. O crepúsculo já é realidade no Soton. Sou o sol dele. Eu e meus amigos ou meus amigos e eu. Portanto, sou luz branca. Irradio e emano luz solar. Sou sol. Ao mesmo tempo, sou Corvo, negro. Absorvo toda e qualquer sinal de luz branca-solar. Podem perceber o quão intensa foi para mim toda a experiência vivida aqui. O pôr-do-sol que agora se impõe, confunde a minha mente. Ao descer a escada, o Corvo não prosseguirá. Não pode. Como mencionei, o multicolor Sabiá não permite. Ele, que é luz branca desintegrada nas 7 cores do arco-íris e todas as suas combinações possíveis, não almeja compartilhar espaço com o corpo negro que, absorvendo luz, ofusca na escuridão. El Corvo is dying! Ninguém pode fazer nada.

Sabe, outra coisa que pude ver por aqui, no Soton do mundo, foi que ao lado de nossa liberdade estão nossos próprios espectros que sonham conosco, portanto "eu" não existo. O que existe, e isso eu posso afirmar, são "eus" que povoam o canto esquecido de meu peito. Agora, no entanto, tenho sono. A vibração que fora constante em meu exílio cantado ainda me orienta e me dá ganas para continuar voando. O que acontece, todavia, é que eu vou des-falecer amanhã, dia 13. O Corvo, como eu disse, para lá não pode ir. Isso é tão triste quanto libertador. De luto ficarei por uns tempos, isso é óbvio, pois sentirei falta do eu – ou eus – daqui.

O alaranjado-vermelho já entra pela janela pequena do seco Soton. Ainda restam-me algumas vassouradas, entretanto, o trabalho braçal já foi feito. Estou cansado e tenho sono. Não, sono eu não tenho, estou apenas cansado. Minhas asas

doem, os vãos são baixos, pois vou baixar. Começo a sentir medo de altura, pois temo não conseguir mais me sustentar no alto. Estou ficando fraco. É o medo da força que me matará no regresso. Não quero o Rio de Janeiro. O eu-sol-eus vai baixando e impondo seu derradeiro suspiro. A natureza é lógica, como eu disse no início. Agora, é o momento do baile da lua, sua dança triunfal, suas fases charmosas e sedutoras. Mesmo sem luz própria, ela improvisa e encanta, por vezes, inclusive, faz do dia noite, brincando conosco. Os que por essas bandas ficarem acendam a luz – ou sejam a luz – que será necessária na minha ausência do Soton, já que eu-sol-eus. Me despeço de você, meu querido e paciente leitor-correspondente, que me acompanhou nessa peregrinação. Ouviu com paciência, diversão e raiva meus relatos-vãos. O laranja vai se tornando de um vermelho-azul escuro. Está ficando escuro e começo a não enxergar bem. Adios, Tchau, Goodbye. Gracias por la vida e pelos ou[eu]-vidos. Minhas palavras passearam pelos labirintos de sua audição e isso é o mais gratificante. Deixo-o agora não mais por hora, todavia, por um tempo. Eu, Corvo, só voltarei, porventura, incorporado nesse corpo que escreve. Deixo-lhes nos seus cantos, nos seus recantos. A força que é fraca na verdade, já confunde a minha mente. Olho pra baixo do Soton e tenho medo de pular, sei que morrerei e não quero. Todavia, não resta a mim nada mais por essas bandas para realizar. A viagem continua e outro lugar anseia por eu-sol-eus. Estou muito alto agora, porém, não estou voando mais, vou só até um galho na árvore mais baixa do recinto.

Mais uma vez obrigado a todos. Saudades tenho de todos vocês. Não verei vocês, mas talvez os veja de uma forma ou de outra. O eu que baixará aí será um eu que acorda do sonho. Deslumbradamente sonado. O corpo do sonho quedou. Ficou aqui voando em outras dimensões. Pássaro negro e apaixonante. Leva liberdade por onde passa. Sim, meus amigos espalham liberdade por onde passam. Sonhos-Realidade. Estou cansado e quero des-cansar...

Agora é hora. Vou-me. Deixo-lhes um beijo, saudações à família. A desfalecida. Derradeiro vão agora... Gracias por la vida amados amantes amigos...

3.8. Ares de Viagem

Rio de Janeiro, março de 2005

Chego em luto. Aterrizo perdido e perplexo. Meus seis sentidos não respondem e me confundem. Tudo está diferente. O corpo está desintegrando quase que completamente. Escrevo sem saber ao certo como proceder. Tenho saudades do Soton. As ruas me assustam e a luminosidade me cega. O corpo que voou alto, que gritou-berrado em várias línguas, que em cen'átimos agiu, agora padece. Sou um Luis Felipe, uma mera lava esfriada, uma mera borboleta desfalecida – de-caída.

Nesse estado de melancolia surgem boas novas. A da vez foi à beira do Rio Ipa quando uma voz-corpo, de um certo L.Cavas, me reconfortou. Ensaísta latinoamericano, um “cria-mundos” como ele diz. Organizador de idéias e amante de toda cultura de nosso continente. Em alguns momentos, ele me cansou, de tão arraigado e preso ao nosso vasto continente. De qualquer forma, a boa nova é que me trouxe um reconforto, um sonho e a possibilidade de criarmos. É através da arte e da cultura que se criam mundos alternativos. E isso é ser latinoamericano, como diz Hugo Achugar: “Latinoamericanismo não é autoctonismo. Ser latinoamericano é uma tarefa histórica e social e supõe a exigência de não nos permitirmos o simplismo e, menos ainda, o conformismo” (in: Rama, 1985, p. 16).

No luto é necessário um organizador, alguém que cave e re-cave, descobrindo o que na terra se revolve. É assim que penso esse latinoamericano que andou pelo vasto continente e conheceu Buru. Descobriram juntos a América Latina, a fome e os sonhos, o amor revolucionário e transformador que irrigou nossas terras, céus, águas, inflamando-as com o movimento abrupto da lava do vulcão. Às margens do Ipa, onde mora, ele escreve-gritado-macio. Já não é mais um jovem com suas inocências primeiras. Se abre para elas, todavia a idade já lhe pesa, embora traga sabedoria. O ímpeto, por sua vez, é o mesmo de quando Buru partiu.